

Movimentos Sociais e Organização Coletiva: *uma experiência em Comunicação Comunitária*

Cleyton Boson*
Marília Rodrigues*
Milena Araguaia*
Riva Blanche Kran*
Rodrigo Nunes Leles*
Nilton José R. Rocha**
Vanderley Gouvea**

A distância entre um conceito e a realidade pode ser gritante. Pensar em coletividade, até participar deste trabalho com o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), parecia simples. Partidos, clubes, associações são coletivos, aglomerados. Seu trabalho, porém, pode não ser fruto desse coletivo.

Quando se fala em disciplina, a tendência natural é que se pense em repressão, em perda de liberdade, ou poda do potencial criativo humano. Acabamos de conhecer mais do que o conceito, mas a vivência da disciplina que não tolhe, mas organiza e potencializa o ser. É uma disciplina não apenas aceita, mas construída e assumida pelo coletivo, que sabe ser essa uma prática necessária para superação de um estágio considerado por eles injusto e para criação de um estado sócio-cultural ideal.

Tudo se desenrola coletivamente, de uma alvorada à outra. Todos acordam na mesma hora, participam das plenárias. Todas as tarefas de organização (disciplina, horários, higiene e limpeza dos alojamentos, saúde, místicas...) são divididas diariamente por brigadas. Todas as refeições são feitas coletivamente nos eventos do Movimento. O encaminhar de decisões, de descansos, de passeios culturais e de lazer, de visitas técnicas, tudo.

O MST é hoje muito mais que um movimento de luta pela terra. É um movimento por uma reestruturação sócio-econômica e cultural do Brasil. Todos os eventos feitos pelo movimento têm o objetivo claro de contribuir para a formação de seus militantes. Da criança ao idoso, a educação dos integrantes é a prioridade do movimento. O vínculo das pessoas ao movimento não é firmado simplesmente na necessidade da reforma agrária, mas na busca dessa nova sociedade. O ideal do movimento orienta cada ação, coletiva ou individual. Nenhuma decisão é imposta. Tudo é discutido até o consenso. E isso funciona, ao contrário do que pode parecer, porque as pessoas se orientam pelo mesmo objetivo e pensam, antes de tudo, no grupo. As batalhas, as lutas, os conflitos e decisões são, primeiramente, simbólicas e ideológicas.

Para um movimento como o dos Sem Terra, dominar as técnicas de comunicação é mais um dos instrumentos de luta.

Essas rádios são o meio pelo qual as questões ligadas ao movimento podem ser divulgadas, discutidas, construídas por eles mesmos. Podem constituir, ainda, circuitos de comunicação que possibilitem não apenas dar visibilidade, mas também desconstruir mitos sobre o movimento. A comunicação é, assim, o meio, não o fim.

Daí a pequena, mas fundamental, diferença entre trabalhar com esse grupo e com os outros com os quais á tivemos experiências. O MST não pretende apenas falar de seu universo, mas explicá-lo, gritar suas contradições, discutir soluções e propor um mundo diferente. Sua disciplina foi manifestada também nesse momento. Ao mesmo tempo que ela nos pressionou, implicando em muita cobrança em relação ao trabalho, mostrou também um esforço admirável de todos em compreender. Entrar madrugada adentro escrevendo, reescrevendo, falando e, acima de tudo, sonhando... É como se eles dissessem a si mesmos: "Sou eu, cidadão, me apropriando de técnicas que me pe-mitem falar ao mundo. Essa Comunicação, que é verdadeiramente Social, me possibilita isso".

TEORIA E PRÁTICA

um confronto mais que inevitável, necessário

O roteiro que havíamos preparado para a Oficina de Rádio Comunitária não foi executado. O comunicador Sandro Silva – catarinense que trabalha há 17 anos com comunicação e educação popular – que também fora convidado para participar da condução da oficina, tinha um outro planejamento. Juntamos a ele para elaborar um terceiro roteiro, que desaguardaria naquilo que cada um tinha de melhor, suprimindo as deficiências de ambos. O resultado foi base

de um trabalho que pecou apenas por não ter mais tempo para execução: montagem (transmissão e estúdio), operação de mesa, locução, cuidados com a voz, exercícios de aquecimento e desaquecimento vocais, ética do comuni-



Durante a oficina, foram oferecidos minicursos de formação em rádio comunitária

A apreensão dessas técnicas é apenas o primeiro passo de uma política de comunicação. A meta a alcançar é a implantação de rádios comunitárias em seus acampamentos e assentamentos, o que gera novas possibilidades ao

gador, cultura popular, condução política, "esqueleto", roteiro e pesquisa. No fim da oficina, todo o conhecimento construído foi sistematizado em um Manual de Rádio Comunitária.

Os integrantes produziram vinhetas e programas de acordo com suas áreas de interesse e no dia 14 de novembro realizamos o encerramento das oficinas na Praça Universitária durante a Vigília Nacional contra o Imperialismo. Nós montamos a rádio dentro da Biblioteca Pública Municipal Marieta Telles Machado. O grupo transmitiu seus programas, entrevistaram os companheiros e conduziram a rádio durante toda a madrugada.

A CONSTRUÇÃO COLETIVA DO SABER

Na oficina de rádio, aprendemos mais do que ensinamos. Isso é fato e consenso entre o grupo: é preciso repensar o papel do educador/comunicador e o significado do educar/comunicar. O que até hoje não sabíamos era que o saber que existe no povo pode ser – e é aí que está o referencial do trabalho – sistematizado e reproduzido **com**, e não **para**, as pessoas. E nesse aspecto, nosso companheiro Sandro Silva nos deu uma aula de competência e simplicidade, mostrando algumas possibilidades de construção coletiva do saber. E que o trabalho em grupo resulta em pessoas mais interessadas, já que o conhecimento é produzindo por todos e não fornecido por uns e recebido por outros. Segundo Paulo Freire, "nas condições de verdadeira aprendizagem, os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador igualmente sujeito do processo".

Quando surgiu a oportunidade de trabalhar junto ao MST, não sabíamos o que isso significaria. A formação acadêmica, de natureza teórica, dava-nos segurança para o trabalho que iríamos realizar (uma Oficina de Rádio Comunitária). Na Universidade desenvolvemos, há mais de três anos, projetos de comunicação junto a movimentos populares. Isso, em tese, nos credenciaria a participar dessa experiência sem muitos conflitos. Em tese!

Trabalhando pela primeira vez em um grande evento organizado por este setor do movimento popular – as experiências anteriores que participamos foram, de certa maneira, organizadas por nós – percebeu-se que o academicismo, com seus métodos e teorias, nem sempre dão as respostas

necessárias à execução das tarefas. Tais respostas, vê-se claramente agora, estão na prática cotidiana dos movimentos populares, centrada no contato homem-mundo.

A cada dia, nós da academia, buscávamos no saber popular respostas para aquilo que devíamos *ensinar*. Na lógica cartesiana que herdamos, a concentração estava naquilo que leva ao objetivo final, à concretização da oficina. Tínhamos parte do conteúdo, aprendemos o (ou um) método. Como fazer o conhecimento puramente teórico se tornar ação, fato.

Com isso, *aprendemos* mais do que *ensinamos*. Ou descobrimos? O que leva, numa velocidade brutal, a repensar o nosso modo de *trabalhar e estudar* a construção do saber coletivo. Apon-tando as falhas, talvez. Mas, como diria Erick Fromm, é no contato com o outro que estabelecemos nosso auto-conhecimento e a relação de grupo.

O 2º Encontro Regional de Arte e Cultura do MST Centro-Oeste, realizado de 8 a 15 de novembro de 2001 em Goiânia, no clube Antônio Ferreira Pacheco, próximo ao acampamento Dom Hélder do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Esse encontro reuniu diversos representantes dos Estados do Centro-Oeste (segundo a divisão do MST, que compreende como Centro-Oeste os Estados de Rondônia, Goiás, Distrito Federal, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul). Dentre as atividades do evento, foram realizados minicursos de formação em rádio comunitária, produção em vídeo, composição popular, violão e teatro do oprimido. Os minicursos de comunicação fazem parte da estratégia de formação política do movimento, capacitando seus militantes na apropriação das técnicas de produção e sistematização da informação e no uso das novas tecnologias. Essas oficinas ficaram a cargo de um grupo de alunos da Comissão de Integração com a Sociedade – CIS, da Faculdade

de Comunicação Social e Biblioteconomia – Facomb/UFG.

Referências bibliográficas

- FROMM, Erick. Do medo à liberdade.
FREIRE, Paulo. *A Pedagogia da autonomia*. 16.ed. Rio de Janeiro-RJ, Paz e Terra, 2000.
DOS REIS ROCHA, Nilton José. Só a rebeldia nos redime, na escola e na



Rose e Neném, integrantes do MST, assumem a locução

vida. *Cadernos de Comunicação*, v.3, n.3, p.0-0, 1995.

Fazendo Comunicação Comunitária, Publicação do Projeto Saúde e Alegria, levando saúde a comunidades ribeirinhas – CEAPS – PARÁ, Dezembro/1997.

2º Encontro Regional de Arte e Cultura do MST Centro-Oeste, de 08 a 15 de novembro de 2001.

Oficineiros de Rádio:

Sandro Lima - Comunicador e Educador Popular; Rodrigo Nunes Leles (Especializando/Educação Ambiental) 9636-3914; Riva Blanche Kran (3º ano – Rádio Tv) 205-8271; Milena Araguaia (3º ano – Rádio Tv) 287-7231; Marília Rodrigues (2º ano – Jornalismo) 259-8096

Integrantes do MST que participaram da oficina: Cigano (Aloncio Jancovith), Neném (Jadir Mamedes Gomes), Laura (Lauriana Lemes de Oliveira), Rose (Rosineide E. da Silva), Neguinho (Valdecir Cirilo Campos)

*Acadêmicos da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia da UFG

**Professores da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia e orientadores do projeto